

# Relações de poder e a construção da subalternidade de raça e gênero<sup>1</sup>

Rosane Borges<sup>2</sup>

Boa noite a todas e todes, a todos. Pela presença em tempos de disputa, de audiência, em meio a tantas *lives* e encontros virtuais, já que migramos absolutamente por esses espaços. Então é sempre uma alegria muito grande a gente contar com pessoas interessadas em temas, digamos assim, não tão “focos”, em temas muito “ásperos”. Quando a Suelaine me fez o convite, em nome do *Geledés* e da *Escola do Parlamento*, eu fiquei pensando quais seriam as possibilidades de entrada para a gente abordar esse tema, porque a gente pode entrar efetivamente errado, mas quais as possibilidades de entrada, né? Já que as portas são inúmeras para a gente pensar, abordar um tema, uma reflexão e com tanto mais razão com as questões relativas ao poder e a subalternidade pensadas, anexadas a partir de dois eixos extremos de diferenciação negativa, que é raça e gênero. E aí, a partir, digamos, dessas escolhas que são sempre difíceis, eu vou partir de uma exposição, que seria uma exposição mais clássica. Então o tema da aula é “Relação de Poder e a Construção da Subalternidade de Raça e de Gênero”, e a ideia é um pouco a gente percorrer duas questões - elas se sobressaem -, que é: poder e subalternidade.

O Alessandro (Santos) acaba de mencionar o livro novo do Richard (Santos). Eu fiz o prefácio do livro anterior dele, da televisão onde ele também parte dessa ideia da maioria “minorizada”. “Minorizada”, essa expressão tem a ver com a subalternidade, e um ponto fundamental para a gente, digamos, tomar como nexos, como vetores essenciais é também como, a partir de duas categorias - poderes e subalternidades, a gente pode visar também a emancipação a partir da insubordinação das “minorizadas” e dos “minorizados”. O primeiro tópico é um pouco como é que a gente poderia, invariavelmente quando a gente fala de poder,

---

1 Transcrição da participação de Rosane Borges na aula do Curso de Extensão Universitária *Raça, Gênero, Democracia e Participação Política* em parceria com o *Geledés Instituto da Mulher Negra* transmitida online em 20/10 e disponível em <https://www.facebook.com/eparlamento/videos/342840936976881> a partir de 12'15”.

2 Jornalista, pesquisadora colaboradora do *Colabor* (Centro Multidisciplinar de Pesquisas em Criações Colaborativas e Linguagens Digitais) da ECA-USP. Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela USP. É articulista da Revista *Carta Capital Digital* e do blog da *Editora Boitempo*, escreve regularmente no portal de notícia *Jornalistas Livres*.

a gente fala em termos teórico, inescapavelmente vem o *Michel Foucault*, que a despeito de ter virado panaceia para muitas coisas, mas para pensar o poder ele é fundamental. Para *Foucault*, o poder é uma prática social constituída historicamente, são formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. Consta *Foucault*, que o poder está por toda parte, provoca ações e uma relação flutuante, não estando em uma instituição, nem em ninguém. Essa afirmação do *Foucault*, que é muito polêmica para determinar os setores de uma esquerda, eu acho ela fundamental, porque a grande contribuição do *Foucault* para os debates sobre o poder - ele sempre dizia que ele não construiu uma teoria do poder -, mas foi tirar exclusividade do Estado, das grandes instituições, porque ele mesmo diz que o poder você não detém, o poder está em uma relação posicional, em topos em que ele vai se dinamizando a partir de vários lugares, irradiando a partir de vários lugares. Esse é um pressuposto importante porque se é bem verdade que *Foucault* diz isso, é igualmente verdade que nem todas nós e todos nós experimentamos o exercício do poder, né? O que eu avalio muito com essa frase do *Foucault*, as pessoas dizem, olha, mas agora até o porteiro tem poder, o *Foucault* diz que todo mundo pode ter o poder, o porteiro da universidade, o porteiro do prédio. Na verdade, ele não está querendo dizer, embora ele diga, que o poder está em todo lugar, mas que o fato de ele estar em todo lugar não significa, portanto, que nas relações de dominação, eu enquanto mulher negra, subalternizada, destituída, enfim, todas essas classificações, adjetivações, eu possa, dentro dessas relações, manter uma conexão com o que ele vai chamar do poder disciplinar, do poder de Estado, etc.

É o próprio *Foucault* que vai dizer, já que ele diz, ele afirma que o poder não está em um lugar fixo, não é apenas o exercício do Estado, das grandes instituições, ele vai dizer que “Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício” (FOUCAULT, 1979, p.182). Essa ideia do menos jurídico se relaciona com esse princípio primeiro do *Foucault*, o poder, a ideia de autoridade que a gente vai ver no conceito do próprio poder não exercido a partir apenas de um sujeito jurídico, aquele que manda, aquele que detém a lei, mas os poderes que mandam a subjugação podem vir sim de outros focos. E para ele é fundamental a gente pensar isso, é por isso que a ideia da macropolítica e micropolítica, que voltou com muita força nos dias de hoje, é fundamental, porque ao contrário também do que a gente se acostumou, a micropolítica não é a política na sua dimensão privada, com mesinha, das relações

individuais, mas a micropolítica é fundamental porque, primeiro, o capitalismo, ele não é uma abstração.

Portanto, pensar subjetividades é pensar exatamente como o capitalismo se exercita a partir de arranjos que dependem de sujeitos e não indivíduos. Eu acho que uma das nossas discussões, de que a gente não está muito bem, não está saindo muito bem na foto, nas discussões entre macro e micropolítica, é que a gente dá à micropolítica uma dimensão individualizante, pequena, e que não tem, digamos assim, estatura para pensar as estruturas, para pensar dimensões mais gerais. Mas vejamos, se a gente tentando aí juntar essas duas questões, estamos na institucionalidade que nós estamos, esse liberalismo liberal, esse neoliberalismo “chinfrin” com esse conservadorismo reacionário, porque o neoliberalismo apostou num empreendimento subjetivo. Esse sujeito cidadão de bem, neopentecostal, *cis*, hetero, homem, macho, branco, foi fundamental para que nós estivéssemos hoje sob o julgo de *slogans* arcaicos, primitivos, não só *slogans*, mas práticas, né? E isso, eu acho que a gente tem no Brasil um exemplo muito forte, muito preciso do que é essa relação entre a macro e a micropolítica. E aí, eu acho que nesse sentido, *Foucault* nos leva para pensar poder a partir dessas duas dimensões, né? Não é que ele, de certa forma, está dizendo que todos nós, todas nós somos poderosas. Exercer o poder, já que ele não é definitivo, não significa dizer que você é poderoso. E aí, é essa leitura equivocada, que eu ousou dizer que é equivocada, porque nos coloca em labirintos, em situações meio difíceis do ponto de vista da nossa atividade política, como sujeitas, como ativistas, como pessoas.

E aí, a gente tem a partir dessa, digamos, desse primeiro postulado que vem do *Foucault*, o poder que se exclui das relações da macropolítica e da micropolítica, é pensar se de fato ele vem de todos os lados, ele não é algo só do Estado, das grandes instituições, como a ciência política quis nos convencer. É preciso que a gente pense, portanto, no reverso do poder, seja nas destituídas do poder, como é que a gente pode nessa dinâmica *foucaultiana*, porque um dado também importante à toda discussão do *Foucault* em relação ao poder, o *Michel Foucault* foi um pensador que sempre teve, a preocupação constante dele foi pensar como o poder se configurava em cada tempo histórico. Eu costumo fazer uma pergunta, que eu digo que é uma pergunta *foucaultiana*, e eu gosto de imaginar e projetar o que determinados autores e escritores fariam nesse século XXI, nesse ano de 2021 - eu ainda tenho dúvida se e a gente está realmente no século XXI mas, enfim, vamos acreditar no calendário -, eu costumo brincar e dizer que se o *Foucault* estivesse aqui entre nós ele perguntaria, principalmente no Brasil, como foi possível? Eu digo que essa é uma pergunta muito *foucaultiana* porque a preocupação dele é

essa: como o poder se configura em cada tempo histórico, em cada lugar, em cada sociedade. E aí, nessa trilha, da gente pensar como foi possível, e dialogando com essa ideia do “minorizado” e da “minorizada”, a gente pode antecipar, apresentar aqui algum ensaio de resposta: só foi possível o poder se apresentar da forma que ele se apresenta e ele ganhar novas, digamos, colorações com a nossa institucionalidade, mas mantendo a base arcaica, a base escravagista, a base homofóbica, transfóbica, enfim, genocida, sexista e patriarcal, porque a subalternidade de determinadas humanidades é uma operação que é derivada dessas relações de poder. E pensar, portanto, poder nos países marcados pelo pior crime da humanidade, que é a escravidão transatlântica, é pensar subalternidade a partir da raça e do gênero.

Se o tema do poder é um tema muito caro para o *Foucault*, e a gente pode pensar que outros autores e autoras - mais para frente eu vou convocar a Sueli Carneiro -, a gente vê que a sua subalternidade, que é um termo muito localizado no Antonio Gramsci, tanto subalternidade como hegemonia, como sociedade civil, mas que foi ganhando aí novas dimensões e perspectivas a partir de pensadores negros ou fora do cânone ocidental como o Stuart Hall, o Raymond Williams - que não é um homem negro e nem necessariamente fora -, o Edward Said, o Edward Thompson e com duas indianas que vêm sendo referência para a gente pensar o que se configurou de estudos da subalternidade, que é a Ranajit Guha e a (Gayatri) Spivak. Pensando, há um compósito de perspectivas que, construída por esses autores - eu vou pegar a Spivak, não porque ela tenha uma teoria mais acabada em relação a esses autores, mas porque ela vai se voltar para a dimensão de raça e gênero para pensar a subalterna ou o subalterno e as subalternidades -, do ponto de vista etimológico, pensar subalternidade. O que é ser subalterno? Subalterno é o outro inferiorizado, na verdade dicionar, a definição etimológica diz que é o outro inferior, mas a gente sabe que esse inferior ele foi inferiorizado. Então, eu prefiro colocar o “outro é inferiorizado”. E a Spivak, vai pensar em relação de subalternidade, ou seja, das que são destituídas de poder a partir de três questões que são fundamentais, são os lugares enrijecidos, os lugares fixos... A gente vê em *Gramsci* uma ideia de subalternidade que ele vai falar em fragmentariedade. O Gramsci pensa - embora também tenha tido uma leitura meio enviesada dele, porque a partir do Norberto Bobbio, muita gente pensou e afirma até hoje que o Gramsci foi um liberal, mas foi uma leitura, eu também diria equivocada dele - o Gramsci vai pensar essa noção de fragmento como uma característica das classes subalternizadas, porque pra ele é a partir da cultura e da política que o subalternizado não participa de uma totalidade, da totalidade da vida, no que diz respeito a participação dele nos destinos comuns.

Uma outra questão fundamental que a gente vai encontrar em *Spivak* é o silenciamento. Tanto que um dos livros mais conhecidos dela é *Pode o Subalterno Falar?* e, nesse livro, que gosto muito e que muita gente diz que a *Spivak* afirma que o subalterno é aquele que não pode falar, é uma pergunta que, inclusive parece dúvida (se pode o subalterno falar) Mas, para quem conhece a *Spivak* e leu com bastante atenção, acho que a grande lição do livro, ela vai inclusive dizer que o subalterno não pode falar, mas não é porque ele não possa falar, é porque ele é aquele que não pode ser ouvido. O subalterno, se ele é ouvido, ele rompe a cadeia da invisibilidade, da instituição, sai de um lugar, esse lugar fixo, o lugar da fragmentariedade, numa concepção *gramsciana*, e parte a ter acesso a uma soberania negada, e esse é um outro traço da subalternidade muito presente na *Spivak*. A ideia de margem, que não é necessariamente uma categoria que a *Spivak* usa muito diretamente embora ela também use, mas a ideia de margem vem da Bell Hooks, pensando essa ideia de lugares fixos, da fragmentariedade, ela vai também definir o que faz o subalterno e a subalterna, os subalternos, é a margem. E a ideia de margem eu acho também interessante porque a Bell Hooks traz um dado fundamental para a gente dar essa outra volta do parafuso. Como é que a gente sai da subalternidade? Normalmente a gente pensa nessa relação topológica de lugares, se é margem ou centro, ela tem um livro inclusive *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*, normalmente a gente acha que esse é o movimento que nos tiraria da subalternidade. A Bell Hooks acredita que é esse mesmo, mas ela não, digamos, aposta suas fichas nesse deslocamento topológico porque para ela rigorosamente o deslocamento está em outro lugar. Que lugar seria esse outro? O lugar próprio da margem. Para Bell Hooks, a margem não é apenas o lugar da falta, o lugar da destituição, o lugar da miséria material ou mesmo simbólica, não é o lugar do silenciamento, pensando silenciamento no sentido que as nossas vozes não irradiam no centro, ou seja, nós não somos vozes que definimos os destinos de uma coletividade. E a Bell Hooks vai dizer que à margem a gente também se autonomiza. As subalternas, as subalternizadas, as mulheres negras conseguiram/ vem conseguindo da margem não ter o poder, porque elas não estão em direção ao centro, elas não estão no centro, embora às vezes a gente se desloque. Muitas de nós, enfim, chegamos em determinadas relações, posições de poder, mas em geral nós reinventamos - que é uma ideia que eu vou pensar ideia de invenção do mundo - a partir das margens. E a partir das margens a gente pode ter, do ponto de vista *foucaultiana*, relações de poder, podemos, né? Mas como o próprio *Foucault* diz, o poder não é algo que se tem, e quem está na margem não tem poder, dentro de relações, digamos, dos jogos identitários é possível porque toda relação para o

*Foucault* é imediata por poder. Mas repito, relações mediadas pelo poder não faz da subalternizada uma pessoa poderosa no sentido, digamos, mais usual do termo.

A ideia de margem vem muito associando com o termo que eu acho poeticamente lindo, ele não tem nada de lindo nem fofo, porque é borda, margem igual a borda. A despeito da nossa autonomia e da nossa insurreição, tem uma frase que estou tentando lembrar o nome do pensador, que diz o seguinte que "(...) as pessoas da borda veem coisas inimagináveis, quem habita as bordas veem as tragédias, ruínas bueiradas. Portanto, as pessoas da borda veem o que de pior acontece no mundo". Me lembra muito um texto do *Walter Benjamin*, que é um autor que eu gosto bastante também, da turma aí dos teóricos, dos pensadores da *Escola de Frankfurt* é um dos que mais, digamos assim, simpatizo. O *Walter Benjamin* tem um texto muito bonito, ele vai dizer que era judeu, para quem não sabe o *Walter Benjamin* se suicida, ele vê cada vez mais o cerco do *Hitler*, ele tenta fugir, não consegue e, a partir, digamos assim, dessa tensão, cada vez mais cercado pela morte, ele escreve um texto que eu acho muito bonito, que vai dizer o seguinte: que em situações anormais - em situações como aquela (nazismo), Alemanha nazista, enfim, os judeus e os outros sobre o cerco do *Hitler* - são poucas as pessoas que conseguem ver o que está acontecendo. Eu acho inclusive, ele estava falando dele próprio. Quando todo mundo consegue ver o que está acontecendo, já é tarde demais, o que se vê já não adianta mais a gente ter essa visão. E ele vai cunhar um termo que ele diz que são "fenômenos de vidência" em toda sociedade, face as tragédias que se avizinham, enfim, todas as formas, o medo, a miséria, em todos os sentidos são poucas as pessoas que conseguem ver. Ele batiza, digamos, esses poucos que conseguem ver "fenômenos de vidência". E eu diria que, portanto, pensar sobre subalternidade a partir de raça e gênero é a gente pensar, digamos, do outro lado da moeda, já que o outro lado na moeda é a moeda também, é pensar que nesse sentido, se o poder toma como fundamento essencial à subalternidade, é preciso que também a gente pense que a subalternidade guarda sempre o germe da insurreição, da insubmissão. Essa ideia de borda e de "fenômeno de vidência", eu digo, portanto, que as mulheres negras, a *Spivak* que vai falar das mulheres negras, ela diz "mulheres de cor", elas são fenômenos. Nós nos constituímos enquanto sujeitas políticas como fenômenos de vidência, porque exatamente por nós estarmos na margem ou se a gente pensar, trazer, convocar o termo da *Angela*, a expressão da *Angela Davis*, que se tornou também uma expressão muito comum entre nós, quando a base se movimenta, toda estrutura da sociedade se movimenta. E é uma questão ao mesmo tempo simples, mas muito complexa, e aí eu acho que essa expressão dialoga com essa ideia de margem, de borda.

Pensando essa ideia da base de *Angela Davies*, a partir dessa movimentação da base que toda estrutura social também se movimenta, a gente pode tecer algumas correlações com essa ideia de margem da *Bell Hooks*, que é um traço da subalternidade: estar na margem, ser silenciada e ocupar esse lugar que se quer fixo, a subalternidade supõe um lugar fixo. E aí, a *Spivak*, que ainda na trilha dela, vai dizer que um ponto fundamental discutido, quer dizer, aí não é ela, sou eu mesma dizendo por Spivak, que se refere à violência epistêmica, cuja prática da neutralização do outro, seja ele subalterno ou colonizado, consiste em visibilizá-lo, expropriando-o de qualquer possibilidade de representação, silenciando. E aí a gente tem um ingresso de uma outra palavra que é fundamental para a gente pensar subalternidade, que é a impossibilidade de representação. Por que o debate de representação é fundamental em tempos de alterofobia<sup>3</sup>? Porque fundamentalmente quando nós falamos de representação a gente está dizendo o que é hegemônico no mundo. A disputa por novos regimes de representação é a disputa por hegemonia, mas não a hegemonia apenas de uma estética negra, o que a gente está disputando é a pluralidade para podermos também ser indivíduos, pessoas que representam um universal. Então, a ideia quando a *Spivak* fala sobre o silenciamento, a invisibilidade, a representação, é esse o lugar fixo, a possibilidade, já que a representação nos diz o que é hegemônico no mundo, a gente está fora desse hegemônico do mundo, a gente faz pessoas absolutamente estranhas. Mas não estranhas no sentido *benjaminiano*, porque tem uma noção de estranheza que é muito bonita, o Benjamin dizia que o capitalismo coloniza tudo, menos o que a gente tem de mais estranho. Mas não é essa estranheza, estranheza inclusive que vem da arte, estranheza no sentido do exótico, que está fora do meu campo de visão. Se a gente infinizar a palavra “exótico”, a gente tem *ex-ótico*. E a subalternidade passa por essa dimensão, exotiza corpos porque está fora do meu campo de visão, e se está fora desse meu campo de visão, esses corpos, essas pessoas podem sofrer qualquer tipo de destituição. Ou se ela é inserida no meu campo de visão, ela é inserida a partir de uma concepção do outro inferiorizado, que é o que define etimologicamente o subalterno.

Eu escrevi o artigo sobre o caso do Robinho<sup>4</sup>, enfim, do estupro coletivo, e eu li as interceptações telefônicas e em um certo momento que ele diz: “meu, eu

3 Aversão ao Outro.

4 Jogador de futebol brasileiro acusado e, posteriormente condenado pela Justiça italiana (em última instância em 2022) por crime de violência sexual em grupo. O caso aconteceu em Milão em uma boate durante a madrugada de 22 de janeiro de 2013 e a vítima é uma mulher albanesa que, na época, comemorava seu aniversário de 23 anos. Além de Robinho, outros quatro brasileiros foram denunciados por terem participado do ato.

tô dando risada, eu não tô nem aí, eu tô dando risada, ela estava completamente bêbada”. A frase, enfim, é uma coleção de frases terríveis, desde o “infelizmente movimento feminista existe” até essas e tantas outras. Mas quando Robinho diz isso, ele está falando inclusive da consciência que ele e a sua turma tinha que aquela mulher, aquela jovem, por ser mulher, por ser bêbada e por ser albanesa, sequer a gente. A masculinidade grotesca do Robinho e dos seus colegas revela isso, uma forma italiana, eles sabiam o que é ser albanesa na Europa, né? O que é ser europeia do leste europeu. Então, esse desenho vai esculpindo o que é o subalterno: mulher bêbada albanesa. Então, “eu tô rindo, isso não vai dar efetivamente em nada”, “nós violamos aquele corpo porque é isso”. É a subalternidade no suprassumo, é a excelência das subalternidades. E aí, a *Spivak* vai falar diretamente, à mulher, especialmente, à pobre e negra, que preenche para ela todos os requisitos que lhe conferem a condição de subalternidade, a da pobreza, a do gênero, a da cor que fazem com que a mulher negra permaneça no lugar, isso é a permanência do lugar - vou falar slides à frente a ideia do lugar, o lugar de fala, e a fala como lugar - demarcada ideologicamente e que lhe foi reservado, um lugar que não é... porque veja, voltando então aquela ideia primeira do *Foucault*, se a gente partir do princípio que o poder... e é por isso que o ele e aí por isso que o *Foucault* não disse que o poder é um lugar. Não é o lugar do Presidente da República, são as relações que você estabelece a partir do lugar e da posição que você ocupa. Então, portanto, essa ideia do lugar que deve ser fixo e deve ser rígido, é fundamental porque ela se sobrepõe na dinâmica do poder a uma outra ideia que defende o próprio termo empoderamento, que é um termo que eu acho fundamental, estratégico, dos movimentos feministas, do feminismo negro, mas que se a gente levar radicalmente a palavra “empoderamento” para uma reflexão analítica, eu venho dizendo isso, no fundo, na verdade não é de empoderamento que a gente necessariamente quer e precisa, embora a gente pode, a partir do lugar de subalternizada, dizer: “eu quero sim ter uma experiência de poder”, isso não está riscado total e completamente no nosso horizonte.

Demarcando ideologicamente o que foi reservado, um lugar que não é central mas mais periféricas, não é dentro, mas fora do circuito. Desse modo, refletindo a atuação da subalternidade feminina, a autora chama atenção para a marginalização da mulher no cenário da produção colonial dominado pelo gênero masculino. E aí aqui eu coloco “mulher negra, subalternização por excelência”. Então, vocês vão percebendo que a gente vai a cada avanço na discussão sobre subalternidade, alguns termos, expressões vão ganhando protagonismo. E aí a experiência colonial, ela é fundamental para gente pensar, essa ideia de

subalternidade que a *Spivak* nos traz, o próprio *Stuart Hall*. E aí eu coloquei esses dois exemplos aqui ela (*Spivak*) vai dizer que mulheres negras e pobres são exemplos que estão aí todos os dias, um dia sim, outro também, os meios de comunicação apresentam que mulheres negras recebem menos que homens. A gente não vai se ater aos dados porque eles continuam criminosos, continuam terríveis. Mas eu coloquei só esse exemplo um pouco para gente, já que a *Spivak* diz, é pensar experiência colonial, pensar gênero e pensar raça, que vai nos levar a percorrer esse circuito dos lugares fixos, dos silenciamentos, da não representação. E aí a gente tem esse dado que é aquela coisa, vamos desenhar agora o que a *Spivak* está dizendo: 55% do salário pago a brancos do sexo masculino é o que as mulheres negras recebem e as mulheres brancas recebem 76% do salário pago a brancos do sexo masculino. Eu lembro, uma vez ouvir a *Sueli Carneiro* falando da *Lélia Gonzalez*, ela fala da *Lélia Gonzalez* sempre com muitos detalhes do que foi o encontro da *Lélia*. A narrativa, sempre que a gente vai narrar, esquece e dá uma outra dimensão do que a pessoa falou, mas o que o que eu fiquei na memória foi a *Sueli Carneiro* falando com a *Lélia Gonzalez*, ela foi fundamental para dar ao feminismo negro esse fundamento a partir do lugar da subalternidade, segundo ao que a *Sueli* colocou momento que eu estava ouvindo. Falar é a participação da *Lélia Gonzalez*, se não me engano, em algum congresso feminista, o feminismo considerado universal, leia-se o feminismo branco, e em certo momento a *Lélia Gonzalez* teria sido alertada, chamada à atenção para não ficarmos muito nessas especificidades, porque isso diluiria a luta das mulheres, nas quais estavam as mulheres negras. E aparece a *Lélia Gonzalez*, dá a resposta e diz o seguinte: para as mulheres negras experimentarem o que é a exclusão, o preconceito das mulheres brancas, elas tinham - voltando a ideia da base, da *Angela Davies* - que dar alguns saltos qualitativos na pirâmide social. Então, a ideia de subalternidade a partir de *Spivak*, quando ela diz que é preciso que a gente percorra esse circuito, a gente só vai percorrer esse circuito se a gente alcançar o que é gênero e raça nos países que tiveram a experiência da escravidão transatlântica. Portanto, falar em subalternidade no Brasil, embora seja uma categoria que recubra a todos os que estão fora do escopo do poder e dos, digamos, privilégios do capital é a gente tomar raça e gênero como categorias que são prioritárias.

Guardadas as devidas proporções, o *Achille Mbembe* vai pensar numa condição universal do que a ser negro, ele tem um livro que, enfim, quem vai pensar o que é ser negro, tanto no polo negativo, no polo positivo, como é que a gente inventou e reinventou a própria expressão, enfim. Mas o *Achille Mbembe* vem insistindo muito que o neoliberalismo, esse neoliberalismo aí, repito “chinfrin”,

terrível, ele vai fazer com que pessoas não brancas experimentem a condição do que é ser negro, porque para o *Achille Mbembe* foi a única escravidão que destituiu triplamente corpos foi essa escravidão chamada de “escravidão moderna”, escravidão transatlântica, porque foi uma escravidão que em um só tempo nos fez corpo moeda, corpo mercadoria e corpo objeto. Não há registros na história da humanidade de outros modelos de escravidão, de outras tecnologias de escravidão que chegasse a esse ponto. E chegar a esse ponto tomando uma raça como categoria fundamental, essa que é a grande a grande questão, problema de se debater escravidão. “Ah, mas a África teve escravidão”, a gente responde: teve em todo lugar, teve na Grécia. Ninguém está querendo dizer que escravidão é algo legal, mas dizer é esse tipo de escravidão foi “A escravidão”. E aí o que que ele pensa nessa ideia, ele está querendo colocar todo mundo no mesmo patamar? O famoso todos a bordo? Não, ele está querendo dizer que pensar também subalternidade, pensar exclusão - ele não fala na categoria gênero nesse particular -, vai tomar muito a raça, e aí eu acrescentaria gênero, é pensar esses dois eixos de extrema, de diferenciação negativa para a gente alcançar e pensar realmente o que é ser subalterno e ser subalternizado num país racista, sexista e patriarcal como o Brasil.

Enfim, pensando essas questões todas, eu falei do *Achille Mbembe*, e agora eu inseriria, e aí eu vou tentar ser rápida, a *Sueli Carneiro*, eu comecei falando do *Michel Foucault*, a *Sueli* é uma filósofa, enfim, muita gente conhece a *Sueli*, ativista, feminista, etc., mas a *Sueli* também nos deu uma grande contribuição para o exercício do pensar, embora ela não esteja na academia, mas ela volta para academia, e eu brinco, eu digo que a filosofia está morrendo, ninguém mais quer estudar filosofia, mas a filosofia não pode morrer antes que a *Sueli* e *Achille Mbembe* me escrevam. Eles escreveram protagonizando a filosofia, mas a gente tem que ouvir pessoas como *Achille Mbembe* e *Sueli Carneiro*. E a *Sueli Carneiro* faz esse movimento, volta para a academia e eu acho que diz o que deveria, o que tinha que ser dito, porque ela expande e qualifica ainda mais a teoria *comteana*<sup>5</sup>, porque a *Sueli* vai pensar o poder, primeiro, a partir da noção do próprio poder, o poder é uma categoria do *Foucault* e vai pensar o exercício do poder no Brasil, tomando as formas de destruição, principalmente, na sua face letal. Ela vai falar de feminicídio, de todas as formas de morte e com destaque também para a morte física, a partir do *Foucault*. E aí isso tem muito a ver com as relações de poder do Brasil, porque,

5 Auguste Comte foi um filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo. Ele é considerado o primeiro filósofo da ciência no sentido moderno do termo. Defendia a existência da razão e da Ciência como sendo fundamentais para a vida humana e pregava uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade

vejam, se a gente pegar o exemplo da Marielle Franco<sup>6</sup>, vou dar um exemplo aqui que é arriscado, né gente? Mas eu já vou dizer que eu não desejo a morte do Marcelo Freixo<sup>7</sup>, mas na lógica, na arquitetura, do assassinato da Marielle Franco, vamos combinar, não seria Marielle Franco para morrer, dentro da lógica de quem mandou matar Marielle Franco, quem estaria na linha de frente, o alvo preferencial seria o Marcelo Freixo. Mas por que que não mata o Marcelo Freixo? Marcelo Freixo é um homem branco, zona sul carioca, com uma projeção nacional, mundial, muito querido por setores progressistas do Brasil. Então, a decisão é: mato essa preta, periférica, lésbica, anexa-se a ela *fake news*, e quem vai protestar a morte dessa mulher são aquelas outras pretas feministas durante uma semana, um mês e depois tudo cairá no esquecimento. O cálculo só deu errado aí, porque Marielle que já era grande, cresceu ainda mais. Eles só erraram nesse cálculo, mas veja, a fundamentação da morte de Marielle para além dos objetivos reais, tem um pressuposto: é o corpo matável. Só que vira exemplar, manda o recado para os brancos e manda recado também para as pretas das favelas da Maré e de tantas outras que estão se achando, fazendo denúncias, etc. Estou dando exemplo da Marielle, eu tenho mais dois exemplos para pensar essa coisa do lugar fixo da subalternidade, por que nossos corpos são matáveis? Porque eles são corpos subalternizados, portanto, é o outro inferiorizado.

A gente tem dois exemplos que eu acho clássico, entre tantos, né? Mas o alvejamento do carro do músico<sup>8</sup>, quem entende de segurança, enfim, de exército, diz que, primeiro, o exército brasileiro foi para o Haiti fazer o serviço sujo, porque os coletes azuis, como são conhecidos os soldados em missão de paz da ONU, a ONU se mobiliza, se ordena nas missões de paz a partir de capítulos. Então eles nunca, dentro do capítulo da ONU, eles não podiam nunca violar, matar, atirar. A ONU ficou muito mal, ela sai muito mal na fita nos conflitos, tanto da Bósnia, da Sérvia e com o massacre de Luanda, porque ela saiu “lindamente”. Pediu para seus funcionários sair e dizer é uma briga de preto contra preto. A partir desses

---

6 Marielle Franco foi uma vereadora do Rio de Janeiro eleita pelo PSOL, executada aos 38 anos de idade junto com seu motorista Anderson Gomes em uma emboscada no centro da capital fluminense no dia 14 de março de 2018. Socióloga e ativista de direitos humanos, era presidente da Comissão da Mulher na Câmara do Rio e integrava a comissão que investigava abusos das Forças Armadas e da polícia durante a intervenção federal na área da Segurança Pública do Estado.

7 Marielle coordenou a Comissão de Direitos Humanos da Alerj, durante o seu trabalho com Marcelo Freixo, antes de ser eleita vereadora.

8 Em 7 de abril de 2019, por ter sido confundido com um assaltante, o carro que Evaldo Rosa dos Santos dirigia foi alvejado por militares do Exército e ele morreu na hora. Foram disparados 257 tiros de fuzil e 62 atingiram o automóvel. Além dele estavam no automóvel sua esposa, seu filho de sete anos idade, uma amiga da família e o seu sogro, que conseguiram sair antes da maior parte dos disparos.

dois episódios, a ONU muda a história do capítulo - quem é do direito aí sabe muito bem, desculpe falar de maneira tão vulgar e ruim, que ela passa a adotar, é o capítulo de uma investida mais cruel. Então, soldados brasileiros no Haiti já vão com essa, a missão da ONU era isso: no Haiti os soldados estão autorizados a fazer tudo. O que tem a ver com a morte do músico? A GLO, aquela presença do exército no Rio de Janeiro tinha os soldados que foram preparados para matar, que foram preparados para violar, que estupravam no Haiti, enfim, que faziam o que todo mundo faz. Portanto, a gente tem esses homens na rua, em nome da segurança e do bem-estar de todos, preparados para matar corpos pretos da pior maneira possível. Porque, gente, se 111 tiros de Costa Barros<sup>9</sup>, eles são fora de qualquer parâmetro civilizatório, os 70 tiros no carro do músico também estão. Há inclusive quem especule se não é um surto momentâneo, eu lembro que um dos pais dos meninos de Costa Barros... o repórter pergunta para o pai e fala assim... pergunta como ele está, algo assim, não sei se vocês lembram em uma reportagem do Jornal Nacional, e ele responde com uma outra pergunta, ele responde perguntando o seguinte: "Você sabe o que são 111 tiros de armamento pesado num carro pequeno? Eu sequer tenho o corpo para enterrar". Então, a repórter fica muito, digamos, desmilinguida, meio sem graça e a gente corta, dando esses dois exemplos, corta para o Miguel, né? Porque eu posso recuperar isso depois no diálogo com vocês. Aí vocês podem perguntar: "Mas aí com o Miguel não foi a polícia?! Mas, vejam, se a ideia da subalternidade, onde é que está a ligação, a conexão aí oculta entre Marielle Franco e o músico, Evandro<sup>10</sup>? A conexão oculta está nessa ideia do outro inferiorizado.

Quando a Sari Corte Real<sup>11</sup>, pertencendo à família que pertence, a Marilene Felinto, que é pernambucana, escreveu um texto<sup>12</sup> belíssimo sobre esse episódio. Uma aluna minha disse: "professora assistiu a entrevista da Sari no Fantástico?".

---

9 Em novembro de 2015, na Chacina de Costa Barros, bairro carioca, o carro em que estavam 5 jovens negros, com idades entre 17 e 25 anos, foi alvejado com 111 tiros disparados pela polícia. Eles tinham saído para comemorar o primeiro emprego de um deles. Todos morreram.

10 Aqui Rosane se refere ao músico Evaldo Rosa dos Santos.

11 Miguel Otávio Santana da Silva, de cinco anos de idade, filho da empregada doméstica Mirtes Renata Santana de Souza, morreu ao cair do 9º andar de um edifício no bairro de Santo Antônio, no Centro do Recife, no dia 2 de junho de 2020 após a mãe dele deixá-lo com Sarí Corte Real, sua patroa, para passear com Mel, a cadela da família que a empregava. Em 31/05/22, Sarí foi condenada pelo crime de abandono de incapaz com resultado morte a 8 anos e 6 meses de prisão. De acordo com a decisão do juiz José Renato Bizerra, titular da 1ª Vara dos Crimes contra a Criança e o Adolescente da Capital, a acusada iniciará o cumprimento da pena em regime fechado. Entretanto, conforme previsto pelo artigo 387, parágrafo único, do Código de Processo Penal, a sentenciada tem o direito de recorrer em liberdade.

12 <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilene-felinto/2020/10/recife-da-corte-real.shtml>

E eu falei não, acho o Fantástico muito chato. E ela: “Não, mas assiste!”. Eu assisti no YouTube dois dias depois e entendi o porquê da raiva das pessoas em relação às respostas frias daquela mulher. Aí muita gente dizia que eram respostas calculadas, o advogado orientou, o que é verdade, mas vejam, a Sari estava sendo Sari. Tem um certo momento, ela vai irritando a repórter, que tenta se conter. E a repórter pergunta assim: “mas por que que você não tirou a criança do elevador?”. Aquele tipo, que que você não deu um “safanão” no moleque, crianças às vezes são voluntariosas, etc. E a resposta que a Sari dá é a seguinte: “eu não tinha esse tipo de interlocução” - ela não usou essa palavra interlocução -, “mas eu não conversava com ele nesse nível, quem conversava com ele era a mãe dele e a avó dele”. Ou seja, a Sari não tinha, ela não interagia com essa criança nem para dar um passa-fora, sabe? Aquela coisa da bronca, ela não era capaz dar bronca naquela criança, não é porque ela é uma pessoa polida, é porque é algo que impede, impedia com que ela falasse com aquela criança, nem para bronca. E aí, voltando essa ideia da subalternidade, quando a gente pensa raça e gênero, subalternidade, vem um outro tópico que a *Sueli Carneiro* trabalha muito, que é não semelhança, que também o *Achille Mbembe* vai trabalhar. Pensar o outro inferiorizado a partir da dimensão de raça e de gênero, é pensar como a tecnologia do poder criou em todos nós essa ideia de não semelhança e que a gente não se vincula. Não há possibilidade de vínculo. O problema da Sari, eu acompanhei, enfim, uma outra amiga que mora lá, branca, disse assim: “nossa, Rosane, realmente, o que ela fez foi terrível, mas ela está destruída, destrocada”. Eu falei, Alessandra, se ela não tivesse, Sari não seria mais gente, qualquer pessoa tem que ficar destrocada quando cai a ficha do que aconteceu com a criança. O problema não é a Sari estar arrasada com a morte do Miguel, o problema é o que faz com que aquela mulher, aquela criança entrar no elevador e não estabelecer nenhum tipo de relação com aquela criança, porque o que a gente vê é isso, uma mulher impaciente, mas sem se vincular porque ele é um não semelhante. Esse subalternizado, filho da subalternizada, desse outro inferiorizado e a nossa tragédia de pensar essa tecnologia do poder reside exatamente aí, porque quando a gente fala que as pessoas, a sociedade racista, polícias genocidas, muita gente fica meio chateada. Eu não sou racista e a gente tem que dizer que cada gente branca é... porque você não estabelece vínculo e você se move a partir de uma ideia de não semelhança com esse outro, esse outro minorizado como diz o *Richard*. É por isso que do ponto de vista dessa ideia de subalternidade, como a gente sai da subalternidade, eu venho muito combatendo essa coisa da empatia.

Eu acho “empatia” um termo fofo, eu não estou querendo dizer que empatia não sirva, eu brinco, eu digo o seguinte, quando determinadas expressões começam a ser utilizadas pelo mundo corporativo, os movimentos progressistas, a militância tem que abandonar porque a coisa já deu ruim, mas para além disso eu venho insistindo que embora a empatia seja algo legal, fundamental para a gente exercer com o outro, ela não tem a força política de transformação, porque na empatia quem está em perigo é o outro, eu tenho que me colocar no lugar do outro, porque ele dorme na rua... eu assisti um programa desses ridículos aí dessas TVs, eu estava sem sono, fui assistir umas coisas totalmente sem noção, e era uma dondoca aqui em São Paulo que foi dormir na rua para saber como que os moradores dormiam. Então, ela descobriu que o grande problema de quem mora na rua não é necessariamente comida, as pessoas de certa forma se viram, vão para as latas de lixo, pegam comida que o restaurante jogou, é insegurança alimentar, mas de certa forma elas comem. Mas o problema maior é água para beber, é mais difícil elas terem água. Então assim, a mulher começou a contar história. Ora, não é preciso você dormir na rua para saber que aquela situação é de indignância. Então a empatia, embora ela não seja apenas isso, ela pode ser um perigo porque pensar o lugar dos subalternos é pensar que o outro está em perigo tanto quanto eu, é uma ideia de reconhecimento. Se nós temos racismo e sexismo no Brasil, claro que o outro inferiorizado, subalternizado, ele é vítima desse processo. O poderoso, quem tem o poder, ele tem privilégios, mas mesmo sendo privilegiado estamos todos em perigo, estamos todos em perigo porque todos os dias abrimos mão da cota do que a gente chama de humanidade. Então, quando a gente convoca, que nós temos que ser empáticos com o outro, repito, do ponto de vista das relações micro, a empatia é fundamental, mas quando ela se torna, como a gente está fazendo no Brasil, a empatia como categoria política, não dá em nada, porque o subalterno vai continuar sendo subalterno. O subalternizado vai permanecer no seu lugar fixo, porque o habitar esse lugar fixo da subalternizada, dizer coitadinho, ajudar, me condoer, mas veja, é provisória aquela situação em que me coloco no lugar do outro. E empatia ela tem um outro problema, quando os atentados de Londres, um pesquisador fez um trabalho dos pais destrocados que perderam seus filhos jovens atropelados, e aí tinha a campanha dos bairros que dizia, olha, temos que ser empáticos. Eram bairros em que os pais se mudaram praticamente na mesma época, então são pais de praticamente a mesma idade com filhos praticamente na mesma idade. Então, os pais que não perderam os filhos, fizeram essa campanha e qual foi o resultado dessa campanha? Eles começaram a ter ódio de imigrante, colocar muçulmano, árabe,

tudo no mesmo balaio, porque quando a gente se põe no lugar do outro, a partir dessa perspectiva, você vai se colocar no lugar do outro... gente, na boa, uma mãe que, um pai que tem o filho morto em situações como essa não vai querer justiça, vai querer vingança, num primeiro momento. Você não pode se colocar no lugar de uma mãe... eu perdi uma amiga há dois anos atrás, ela era investigadora da polícia civil e filha única de cinco homens, eram 6 filhos e todos policiais (1 era de policial federal), e eu fiquei muito abalada com a morte da minha amiga de infância. Quando eu encontrei os irmãos, eles disseram assim: “Rosane, a polícia está atrás, mas a gente quer encontrar esse cara primeiro, sabe por quê? Porque não vai ter encarceramento, a gente vai fazer o que ele fez com a nossa irmã”. E naquele momento, eu queria também a mesma coisa, sabe? E eles falaram: “olha, a gente quer encontrar ele primeiro, não vai ter justiça, a gente quer trucidar esse corpo”. Quer dizer, quem perde um filho, um irmão, uma irmã nessas condições, no primeiro momento não quer justiça, depois a gente pode dizer, olha, vivemos numa sociedade de leis, enfim. Mas não espere de uma mãe, de um pai um discurso em nome da justiça quando ela perde um filho, é nesse sentido.

E aí, tem essa ideia de como é que a gente sai do lugar da subalternidade, eu acho que temos duas expressões que se tornaram também fundamentais sobre sair da subalternidade. “E eu não sou uma mulher?”, de *Soujoner Truth* e “Agora o lixo vai falar, e numa boa” da *Lélia Gonzalez*, já referida, que a gente utiliza muito. Eu acho que são mulheres subalternizadas, que do lugar fixo de subalternizadas questionam o poder para dizer. “E eu não sou uma mulher?”, porque a *Lélia Gonzalez* também está dizendo isso, ela não está dizendo que ela é lixo. E é por isso que eu venho insistindo que a gente diz que a *Lélia Gonzalez* fala do lugar dela de subalternizada, mas quando ela fala do lugar dela de subalternizada, não é mais o lugar dela de subalternizada, porque quando ela diz isso, ela mobilizou inclusive a audiência, significa dizer que a *Lélia* deslocou pela fala outro lugar, senão sequer ela seria ouvida, já que a escuta é uma decisão política. E aí tem algo que eu acho que para a gente pensar raça, gênero, subalternidade, poder, eu venho brincando, eu estou escrevendo um texto que eu não tenho coragem de publicar porque está uma coisa muito doida, mas eu vou partilhar essa loucura, essa doidice com vocês. É que se o lugar de fala, como eu venho insistindo, é uma categoria fundamental, que tem um longo concurso ao longo da história, o lugar de fala, ele ganha um assento especial na década de setenta, teoria do discurso, né? Uma certa fração dos feminismos, o que se chama aí de pós-estruturalismo na teoria, e ele ganha um impulso renovado nos últimos anos nas redes sociais com a nossa reivindicação legítima, pela nossa fala, da gente falar de nós mesmas, mas se o lugar de fala, e

eu digo que ele é uma categoria importante, mas ele não é o suficiente para gente sair da subalternidade. Então, eu venho, é uma comparação muito mal-ajambrada, mas eu venho dizendo que o lugar de fala está dentro dessa ideia do conhece-te a ti mesmo que se aprende, né? Dessa ideia do conhece-te a ti mesmo do Sócrates, né? Mas veja, para quem é subalternizado, considerando o que a *Spivak* nos ensina em relação aos lugares fixos, ao silenciamento, você sabe o que é o seu lugar de fala. Costumo dizer que no Brasil, brancos é que estão sempre se surpreendendo, diz assim, nossa, realmente, agora que eu percebi que na minha escola não tinha aluno negro, é a branquitude que está sendo surpreendida no seu lugar de fala, nós negros, a nossa operação é a partir do conhece-te a ti mesmo, como a gente inventa de a ti mesmo. E aí, eu acho que a ideia da margem da subalternidade é fundamental porque o que está se presenciando é esse deslocamento de um inventa-te a ti mesmo que vem incomodando os privilégios, o poder, a ideia do poder, a branquitude. A branquitude está incomodada, não porque nós falamos no nosso lugar de fala, ela vai querer que a gente fale desse lugar, ela está incomodada porque, primeiro, a gente está dizendo, e aí a gente tem um livro que é o livro da *Djamila (Ribeiro)*<sup>13</sup> que vendeu e continua vendendo bastante, isso é legal”.

---

13 Ribeiro, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. Companhia das Letras, São Paulo, 2019. A filósofa e ativista Djamila Ribeiro, 41 anos, foi eleita em 24/05/22 para ocupar a 28ª cadeira da Academia Paulista de Letras (APL) que pertencia à Lygia Fagundes Telles. A votação teve 30 votos favoráveis de um total de 39.